

Teologia *MINJUNG* e a afasia social: um diálogo com a Teologia da Libertação

Jung Mo Sung*

Resumo

O objetivo deste artigo é estudar as contribuições específicas da *Teologia do Minjung* no interior do grande campo das “teologias da libertação”, em especial em diálogo com a Teologia da Libertação Latino-Americana. Para isso, vamos analisar: a) a relevância atual do conceito de “*Minjung*”; b) a relação entre as narrativas e os testemunhos das “comunidades de sofredores” e as análises sociais na metodologia da Teologia *Minjung*; c) a fenomenologia do sofrimento na globalização neoliberal e a “afasia social”.

Palavras-chave: Teologia *Minjung*. Teologia da Libertação. Religião e libertação. Afasia social. Fenomenologia da dor.

MINJUNG Theology and Social Aphasia: a Dialogue with Liberation Theology

Abstract

The objective of this article is to study specific contributions of Minjung Theology within the great field of “liberation theologies”, especially in dialogue with Latin American Liberation Theology. For this, we will analyze: a) the current relevance of the concept of “Minjung”; b) the relationship between narratives and testimonies of “communities of sufferers” and social analyzes in the methodology of Minjung Theology; c) the phenomenology of suffering in neoliberal globalization and “social aphasia”.

Keywords: Minjung Theology. Liberation Theology. Religion and liberation. Social aphasia. Phenomenology of pain.

* Doutor em Ciências da Religião e professor da pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP

Teología MINJUNG y la afasia social: un diálogo con la Teología de la Liberación

Resumen

El objetivo de este artículo es estudiar las contribuciones específicas de la Teología del Minjung en el interior del gran campo de las “teologías de la liberación”, en especial en diálogo con la Teología de la Liberación Latinoamericana. Para ello, vamos a analizar: a) la relevancia actual del concepto de “Minjung”; b) la relación entre las narrativas y los testimonios de las “comunidades de sufrientes” y los análisis sociales en la metodología de la Teología Minjung; c) la fenomenología del sufrimiento en la globalización neoliberal y la “afasia social”.

Palabras clave: Teología Minjung. Teología de la Liberación. Religión y liberación. Afasia social. Fenomenología del dolor.

Introdução

No início da década de 1970, o mundo começou a ouvir falar de uma teologia estranha e até perigosa: a Teologia da Libertação. Em um continente marcado pelo catolicismo e a aliança entre a igreja e a ordem social política, essa nova teologia marcou o cenário com noções teológicas novas e conflituosas: a opção pelos pobres, o Deus dos pobres, a práxis ou práticas de libertação dos pobres e outras. Logo após o surgimento público da Teologia da Libertação, na América Latina, outra teologia semelhante apareceu em outro lado do mundo, a Teologia *Minjung* (“povo pobre”) da Coreia do Sul. Rapidamente, as comunidades teológicas desse lado do mundo começaram a nomeá-la como teologia da libertação da Ásia ou da Coreia do Sul. Eu mesmo, nos inícios da década de 1980, como estudante de teologia – nascido na Coreia do Sul e imigrado para o Brasil em 1966 – me referia à Teologia *Minjung* como a teologia da libertação coreana.

O cenário mundial estava pautado pela Guerra Fria entre o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos e o bloco comunista. Dentro desse âmbito, a América Latina e a Coreia tinham contextos muito semelhantes. Quanto à forma política de governo, ambas estavam sob ditaduras militares. Quanto à economia, passaram por um processo de rápida transformação – de agrária para industrializada – que, sob a lógica da acumulação do capital por meio de mão de obra barata, culminou na urbanização, fenômeno que aumentou vertiginosamente o crescimento das periferias nas grandes cidades. É nesse panorama que as duas teologias surgem (em contraposição às teologias clássicas e liberais da Europa e dos Estados Unidos). Em comum, tinham a ênfase da interpretação da Bíblia na perspectiva dos pobres,

nas práticas de libertação, bem como, a importância do papel social do cristianismo e das igrejas na sociedade.

Entretanto, essas semelhanças do contexto econômico-social e das origens da Teologia da Libertação Latino-Americana (TLLA) e da Teologia *Minjung* (TM) não podem nos levar a esquecer algumas características diferentes entre elas. Em primeiro lugar, a América Latina é uma região continental e majoritariamente católica. O número de teólogos e teólogas que compartilharam essa linha de pensamento teológico e produziram obras é muito maior do que a TM e são de maioria católica. Sem entrar em discussão da importância de teólogos protestantes da libertação na origem da TLLA, como Míguez Bonino e Rubem Alves e o seu caráter ecumênico, é preciso reconhecer a hegemonia católica na TLLA. Por sua vez, a Coreia, na década de 70, era um pequeno país de pequena minoria cristã, de maioria protestante (dois terços dos cristãos), que tinha passado por um período recente de colonização pelo Japão – até o final da Segunda Guerra Mundial – e teve o seu país dividido entre o Norte e o Sul pela União Soviética e os Estados Unidos. Nesse contexto, a comunidade teológica da TM era fundamentalmente protestante e muito menor comparada com a TLLA.

O objetivo deste artigo não é discutir a atual relevância dessas teologias, nem fazer um estudo comparativo delas, mas estudar, em um diálogo com a TLLA, uma especificidade metodológica da TM: a tensão entre a relação entre o “silêncio e o clamor” – a “afasia social” e o testemunho dos “pobres” –, e a necessidade de “objetividade” das análises sociais e da teologia. Para isso, pretendo estudar: a) o conceito de “*Minjung*”; b) a metodologia da Teologia *Minjung*; c) testemunho – afasia social e a fenomenologia do sofrimento.

1. O Conceito de “MINJUNG”

A palavra coreana *minjung* (民衆) é uma junção de dois caracteres de ideograma chinês, “*min*” (民), que significa povo ordinário sob poder de dominadores, e “*jung*” (衆), a multidão. Na história dos dois últimos séculos, o termo “*minjung*” passou a adquirir uma nova conotação de “consciência política de pessoas de classe baixa”, e se tornou um conceito chave para a compreensão da história e sociedade coreana. Não se pode reduzir essa “consciência política” ao conceito de “proletariado”, como se tende a entender os intelectuais e políticos ocidentais marcados pela luta entre o pensamento liberal e o marxista, mas, é claro, incluir a luta de classes e proletariado. O movimento *minjung* produziu uma interpretação

da história coreana como uma história de sofrimento e resistência do “*minjung*” frente aos séculos da hegemonia chinesa, da colonização japonesa (1905-1945), da divisão do país (1945) e da dolorosa guerra entre as duas Coreias (1950-1953). Na década de 1970, sob a ditadura militar e opressão dos trabalhadores, ocorreu um “renascimento cultural” que fortaleceu os movimentos de trabalhadores e de estudantes. Exemplos desse renascimento são a recuperação e o renascimento dos rituais xamanistas (*keut*), as tradicionais danças de máscaras (*talchum*), e a volta de apresentações de óperas de um único cantor (*pansori*) (cf. CHOI, 1995).

Nesse período, os movimentos dos direitos humanos, o movimento por democracia, os movimentos estudantis e os intelectuais por reformas sociais e políticas, e os movimentos dos trabalhadores, todos convergiram no chamado “movimento *minjung*”. É nesse contexto que a chamada “teologia *Minjung*” foi formada e desenvolvida durante as décadas de 1970 e 80, época essa de ditadura militar e de rápida industrialização e desenvolvimento econômico, de fluxo massivo de trabalhadores do campo para cidades, agrupados em favelas.

Devido aos seus envolvimento no movimento *minjung*, muitos cristãos e teólogos foram presos, torturados e sentenciados à prisão e executados. A Teologia *Minjung* representou e aguçou a consciência dos cristãos envolvidos nesse movimento. Teólogos do TM, como AHN Byung Mu, SUH Nam Dong e KIM Yong Bock,¹ analisando a situação sociopolítico-econômica, interpretaram a Bíblia como “Livro do *minjung*” e anunciaram que Jesus era um *minjung* do seu tempo na Palestina.

Ao caracterizar Jesus como um *minjung*, a TM não quis usar o conceito ou noção de “*minjung*” como um substantivo que pudesse ser definido e, por isso, objetivado. Eles tentaram evitar a definição de *minjung* “porque definir o *minjung* é objetivar e conflita com os termos e categorias do observador sobre o *minjung* e, por isso, controlar o *minjung*. Definir o *minjung* é criar diferentes *minjung* em termos de observador” (KWONG, 2004, p. 56). Além disso, a TM assume que a história escrita é a historiografia feita por poderosos e dominadores e que os eventos e as narrativas do *minjung* devem ser escavados e redescobertos a partir dos seus significados. Mais do que isso, a TM afirmou que “o *minjung* é o sujeito da história”. Essa tensão

¹ Por diferenças no uso dos nomes coreanos na grafia ocidental, especialmente o lugar do nome da família – há autores que usam primeiro o nome da família e outros o último –, coloquei em maiúsculo o sobrenome.

ou conflito com a noção de *minjung* como objeto e sujeito é uma questão fundamental na TM (e será discutido logo adiante, na seção 2 do artigo).

Apesar da grande semelhança entre a TLLA e a TM, penso que é importante destacar, neste artigo, a “libertação” como um “substantivo-objetivo”. Na TLLA, a identidade dessa teologia se dá na noção ou conceito de “libertação”. Hugo Assmann (1976), em um texto de 1970 que apresenta o conceito de teologia da libertação, afirma que “o tema teológico e político de a ‘libertação’ é, pois, no seu enraizamento no atual contexto histórico latino-americano, o ‘correlato’ evidente do tema sócio analítico de a ‘dependência’” (IDEM, p. 34).

No mesmo sentido de Assmann, Gustavo Gutierrez, no seu clássico livro *Teologia da Libertação* (1986, p. 49), diz: “falar de teologia da libertação é buscar a resposta para a pergunta: que relação existe entre a salvação e o processo histórico de libertação do homem?” Depois, ele amplia a noção teológica da libertação ao relacionar três níveis de significado do termo libertação: “a) libertação econômica, social e política; b) libertação que leva à criação de um homem novo numa sociedade solidária; c) libertação do pecado e entrada em comunhão com Deus e com todos os homens” (IBID, p. 203).

Por sua vez, há uma afirmação de Leonardo Boff (1986), da década de 1970, que se tornou mais influente no meio dos teólogos da libertação e das comunidades cristãs envolvidas nas lutas de libertação: “A categoria libertação implica uma recusa global do sistema desenvolvimentista e uma denúncia de sua estrutura subjugadora. Urge romper com a rede de dependências (IBID, p. 17)”. E, depois, citando o cardeal Eduardo Pironio, ele diz: “por um lado, a libertação é concebida como superação de toda escravidão; por outro, como vocação a ser homens novos, criadores de um mundo novo” (p. 19). Essa compreensão de libertação “de” todas as formas de toda escravidão “para” criar um novo mundo se tornou uma “estrutura bipolar” (“de-para”) consensual na TLLA e o conceito de “libertação” deixou de ser um objeto de reflexão teológica fundamental; assim como o conceito de “pobre” ou o “sujeito da libertação”.

O fato de “o pobre” não ter sido o “objeto” de discussão na TLLA não significava, como na TM, uma tentativa de manter o seu carácter de sujeito que aparece na relação sujeito-sujeito na comunidade ou no diálogo entre pessoas. Penso que o carácter de substantivo, algo objetivo, da noção de “o pobre”, “o sujeito da história” ou “da libertação”, era aceito sem problemas. No fundo, a racionalidade e as lógicas das ciências sociais modernas eram assumidas sem problema.

Um dos poucos pensadores da TLLA, ou a única na década de 1980, que questionaram esse suposto foi Ivone Gebara (1991), em um artigo de 1991 – ainda no auge da TLLA. Refletindo sobre a experiência de evangelização em meio a um povo empobrecido, pergunta-se: não há ocorrendo um crescente fosso entre “as teorias evangelizadoras” aprendidas dos livros de teologia e a vivência dos pobres? E ela diz corajosamente: “me pergunto se nosso ‘discurso’ para os pobres sobre sua libertação, sobre a conquista da terra, sobre a justiça ... não estaria sendo viciada por um belo idealismo ou por esperança sem suficiente análise das condições objetivas de nossa história?” (IBID, p. 2)

Em outras palavras, Gebara pedia uma reflexão mais séria sobre a noção de “o pobre” e de “a libertação” na TLLA. Além disso, ela diferencia o aspecto objetivo das teorias sociais e da TLLA, de um lado, e as vivências dos pobres, de outro. Assim como pretendiam explicitamente os teólogos *Minjung*.

Mais do que um problema de análise social ou de idealismo filosófico ou teológico com respeito à esperança, Gebara propunha repensar a própria “missão” ou a identidade da TLLA: “Ouso pensar que nós religiosas deveríamos iniciar o processo de recusa do ‘consolo barato’, como Raquel (Jr 31,15) recusou a consolação diante da morte de seus filhos. Preferiu permanecer na lamentação e no choro, ou seja, na realidade de sua dor, a ‘engolir’ um anestésico que poderia criar ilusões e falsas esperanças” (p. 4). Para ela, esperanças falsas e alienantes desmobilizam as forças de transformação efetiva.

Sem entrar em uma discussão teológica sobre o recusar o “consolo” ou o avançar no anúncio da promessa da libertação, Gebara fez uma crítica analítica sobre o idealismo ou a esperança sem suficiente análise das condições objetivas da história, especialmente das qualidades dos “sujeitos” da libertação, os pobres. Em outras palavras, a estrutura bipolar do conceito libertação “de e para” na TLLA tinha um problema epistemológico ou teológico fundamental. E isso é o que Gebara alertava.

De modo diferente, na TM há explicitamente três termos: a) *minjung*, b) situações e estruturas de sofrimento e opressão e c) as práticas de libertação. Nesse sentido, a estrutura epistemológica da TM é tripolar. Isto é, além dos polos “de e para”, esse conceito de “*minjung*”, que dá a identidade dessa teologia, é também “objeto” de discussão necessária. Assim, mesmo que os fundadores da TM tentaram não objetivar a noção de “*minjung*” para manter o carácter de “sujeito”, tiveram que dar uma explicação teórica sobre essa ambiguidade ou singularidade.

KWON Jin Kwan, um teólogo da segunda geração da TM, reconhece explicitamente que é preciso debater e aprofundar o conceito de “*Minjung*”. Mesmo concordando com os da primeira geração, de que os intelectuais tendem a distorcer e manipular esse conceito, ele afirma que é preciso definir e “tentar tornar mais claro possível o significado de *minjung*” (IBID, p. 149).

Ele propõe relacionar com as noções de proletariado, cidadão, a nação, a alteridade ou minorias e o conceito de “subalternos”, que vêm da teoria pós-colonial. Para ele, o termo “proletariado” ou a noção mais ampla de classe de trabalhadores, tem relação com *minjung*, mas esse não é um conceito estritamente econômico. É um termo mais político do que econômico e enfatiza *minjung* como um ator na sociedade. Mais do que isso, como seres culturais, históricos, políticos e econômicos. Para Kwon (2006, p. 149), “Marxistas consideram a elite socialista (isto é, a “intelligentsia” e os líderes do partido) como líderes do proletariado e dão a eles o status superior aos trabalhadores individuais”.

O termo “cidadão” é similar ao *minjung*, mas distinto. O cidadão, por sua definição, usufrui de toda adesão e direitos na sociedade e no país. Os *minjung* foram excluídos da participação plena na sociedade. “A teologia de Minjung acredita que os Minjung devem ser os sujeitos da história. Não é uma afirmação descritiva. É uma declaração do dever-ser” (IDEM, p. 150).

Com relação à noção de nação, Kwong afirma que na história coreana o destino da nação foi controlado e decidido por colaborações dos poderes externos e das elites internas e os *minjung* foram velados e ofuscados pela nação; isolados e oprimidos. Nesse sentido, o *minjung* é entendido como “sujeitos da história” no sentido futurístico; por isso a TM usa metáforas, como messias e servos sofredores de Deus, para entender *Minjung* no sentido de futuro, ir além da situação presente.

Por fim, o conceito de minorias dos pensadores coreanos influenciados por pós-modernos – incluindo alguns da nova geração de teólogos *minjung* – e o de “subalternos”, da teoria pós-colonial, que tem sido bastante usado por teólogos *Dalit* no diálogo com a TM (cf. KWON, 2010), são também relacionados com o de *minjung*, mas distintos.

Essa lista não tem como objetivo somente levantar o estado da questão do debate sobre a identidade da TM, mas sim mostrar como a TM pode ser útil para as ciências sociais do sentido mais amplo e nos movimentos do *minjung*. Como diz Kwon: “Para o contexto coreano, o termo *Minjung* é mais adequado e útil para nosso propósito do que nação, proletariado, cidadão,

minorias, e o de outros. Nesse sentido, a ideia de *Minjung* e de teologia do *Minjung* não estão obsoletos e ultrapassados. Eles são viáveis e utilizáveis hoje em dia” (KWON, 2006, 251).

2. A metodologia da teologia MINJUNG

No âmbito do cristianismo asiático, a Teologia *Minjung* foi a primeira teologia a discutir a questão dos pobres e das práticas de libertação dos oprimidos. Isso não significa que não tinha havido reflexões teológicas originais da Ásia, como se só existissem cópias ou traduções das teologias europeias e norte-americanas. Por exemplo, a obra de Kazoh Kitamori, *Theology of the pain of God* (A teologia da dor de Deus) (KITAMORI, 1946/2005), foi traduzida para diversos idiomas e objeto de discussão de vários teólogos internacionais, como Jürgen Moltmann, D. Solle e Hans Kung. Na “teologia da dor de Deus”, Kitamori sai da linha da cultura filosófica e teológica ocidental e diz que essa dor de Deus não existe em Deus como uma “substância” – um conceito fundamental para a metafísica ocidental – mas sim como expressão do amor de Deus na cruz, da dor-amor que seguiu Jesus, que sofreu “fora do portão” (Hb 13, 12). A novidade da TM está na produção de uma teologia historicamente contextual e na perspectiva dos pobres e oprimidos.

Após o início da TM, surgiram outras teologias asiáticas na linha da libertação, como a Teologia *Dalit*, na Índia (por ex.: MANOHARAN, 2016; PRABHAKAR & KWON, 2006), a Teologia *Buraku*, no Japão (por ex.: KURIBAYASHI, 1992), e a teologia feminista asiática (por ex.: CHUN, 1990), a qual se subdivide em várias linhas teóricas. Dessas, entre diversas correntes teológicas, a *Dalit* e *Minjung* têm mantido diálogo constante – normalmente a cada dois anos (PRABHAKAR & KWON, 2006; e vários números da revista internacional *Madang*).

No final da década de 1980, Hyung Kyung Chung (1990), teóloga coreana feminista, que se assumiu na época como da segunda geração da teologia *Minjung*, usou uma das características da TM como uma qualidade de todas as teologias de libertação na luta das mulheres na Ásia: o método das “etapas circulares”. “O método EATWOT tem suas etapas circulares: ouvir a situação do indivíduo, análises sociais e, em seguida, análise teológica” (IBID, 104). A diferença entre o famoso método de “mediação socio-analítica, mediação teológico-hermenêutica e a mediação práxis-político-

pastoral”, divulgada pela TLLA, com a perspectiva da teologia *Minjung* e nas práticas das mulheres e pobres das teologias asiáticas está na “narrativa”, ou no “contar estórias” (*storytelling*). “Isso acontece com mulheres contando narrativas. Mulheres de várias origens se juntam e ouvem entre si as estórias (narrativas) de vitimização e libertação. (...) O poder da narrativa reside na sua *verdade incorporada*. (...) Seus corpos gravaram o que aconteceu em suas vidas. Seus corpos se lembram de como é ser um *ninguém* e como é ser um *alguém*” (IDEM).

Chung faz referência a um dos criadores da teologia *Minjung*, KIM Yong Bok, que propôs uma metodologia ancorada na narração (*storytelling*) de histórias de vida dominadas por um sentimento de sofrimento (*han*) das mulheres coreanas e outras pessoas oprimidas. Antes de seguir a proposta de Kim Y. B., é preciso entender que esse conceito de “*han*” é fundamental para a Teologia *Minjung* e é intraduzível para um idioma ocidental. Para SUH Nam Dong (1983), um dos três teólogos mais importantes da TM (o terceiro é o AHN Byong-Um), *han* é sentimento não resolvido, consciente ou inconsciente, acumulado em indivíduos e coletivos que têm experimentado um longo período de sofrimento.

A partir desse conceito de *han*, Kim Y. B. (1982) propôs um método de sociobiografia com o objetivo de mostrar uma compreensão da história que não é possível ser percebida pela chamada análise social objetiva, como é da racionalidade moderna ocidental. Para ele, a sociobiografia dos oprimidos revela a “realidade oculta” por detrás das análises sociológicas ou histórias oficiais e os ouvintes não ouvem apenas dados frios, mas também os sofrimentos, os choros, as saudades e os anseios das pessoais reais.

Essa é uma característica metodológica da TM. Como disse Chung, essa narrativa das reuniões e comunidades em diálogo geram uma “verdade incorporada” e “os corpos se lembram de como é ser um *ninguém* e como é ser um *alguém*”. E esse tipo de experiência está também presente nas comunidades eclesiais de base na América Latina inspiradas pela TLLA. Nesse sentido, essa experiência da verdade incorporada, feita corpo, de tornar-se *alguém* no reconhecimento mútuo é comum na TM e TLLA. Mas, a diferença é que na TM o “narrar- ouvir” é parte da metodologia, enquanto que na TLLA o primeiro passo é a mediação socioanalítica. É preciso deixar claro que isso é diferente do que a TLLA chamou da relação entre a práxis e a teoria. Para a TLLA, esse momento de experiência ocorre no interior das práxis e se diferencia do segundo passo, que é a teoria-teológica, composta

das três mediações teóricas ou três etapas teóricas: a mediação socioanalítica, a mediação hermenêutica e a mediação prática (BOFF, L. & C, 1986, p. 40; BOFF, C., 1998).

Enquanto a TM propõe ir além, ou anterior, à relação sujeito-objeto das teorias sociais e filosóficas e assumir a relação sujeito-sujeito que ocorre no diálogo das pessoas em comunidade que compartilham as histórias de sofrimento e lutas de libertação. Em outras palavras, a TM propõe uma ruptura com a razão ocidental que reduz as teorias, incluindo a teologia, à relação sujeito-objeto e propõe recuperar o papel do “storytelling” – as tradições e as narrativas das vidas dos pobres – como parte da sua metodologia teológica.

Porém, penso que, nas primeiras décadas da TM, eles também não perceberam ou não tinham clareza da relação ou passagem entre a relação “sujeito-sujeito na narrativa-e-ouvir” para a relação de sujeito-objeto na análise das estruturas sociais. Por exemplo, a relação entre a pobreza e o capitalismo, ou da forte opressão das mulheres sob o patriarcalismo e machismo da cultura coreana e asiática. Os teólogos e teólogas da TM afirmaram com clareza que as narrativas sociobiográficas revelam a realidade humana de sofrimento oculta das análises sociológicas ou das histórias oficiais, mas isso não significa que essas análises não sejam necessárias.

KWON Jin-Kwan, um dos principais teólogos da segunda geração da TM, com Prabhakar, um teólogo *Dalit*, na apresentação do livro *Dalit and Minjung Theology: a Dialogue* (2006, p. vi) escreveram: “Nós precisamos mais do que somente teologizar. Somos chamados a testemunhar a realidade de sofrimento dos *Dalit* e *Minjung* e ser envolvidos nas lutas deles pela própria libertação e liberdade”.

Nessa afirmação concisa, encontramos quatro elementos fundamentais da TM: a) teologizar não é suficiente, mas necessário; b) o conceito fundamental de “testemunhar” a realidade dos sofredores, que é diferente do conceito de ver ou analisar a realidade social; c) envolver-se na luta dos sofredores; d) a luta pela libertação dos próprios oprimidos. Não quero discutir aqui os problemas comuns da TLLA e da TM na noção de lutas sociais e “libertação” (vide ASSMANN & SUNG, 2010), mas da relação entre o testemunho/narrativas e a questão da análise social e lutas. Ou seja, a necessidade de articular a relação entre a narrativa ou os testemunhos e as análises mais objetivas, isto é, o objeto a ser entendido e modificado.

KANG Won-Don (2014) escreveu que recentemente teólogos *Minjung* passaram a redescobrir as questões econômica, política, social, geopolítica e ecológica: o crescimento do número de trabalhadores precários e temporários, o crescimento dramático do desemprego entre os jovens adultos e protestos e greves em grandes fábricas. E diz que: “Há uma longa lista de questões atuais com as quais a teologia *Minjung* deveria lidar na perspectiva de *minjung* (“povo sofrido”). A condição e o processo de globalização aceleraram a polarização social com a disseminação da pobreza, o retrocesso da democracia e dos direitos humanos, bem como, agravaram a crise ecológica, que está ameaçando tremendamente a vida do *minjung*. Assim, é urgente que a teologia *Minjung* se envolva na discussão de identificação de problemas e busca de alternativas” (IBID, p. 9).

É interessante notar que, entre os estudiosos da TM, há um consenso de que ela foi marcada profundamente pela tragédia de um operário da indústria têxtil, JEON Tae-Il, que autoimolou-se por fogo como um protesto. Ele tentou melhorar as horríveis condições de trabalho e o baixo salário para si e seus companheiros. Apesar da falta de educação na sua infância pobre, ele, com alguns amigos, lutou e enviou petições ao governo para melhorar essas condições, mas não recebeu qualquer resposta e foi despedido pelo seu patrão. É preciso lembrar que o “milagre” econômico coreano começa no início da década de 1970, com o modelo de exportação de produtos baratos e de baixa tecnologia, como produtos têxteis, sendo que os operários recebiam baixíssimo salário e sofriam repressão da ditadura contra os trabalhadores organizados. Nessa condição, JEON Tae-Il “escolheu autoimolar-se como o último apelo. No dia 13 de novembro de 1970, quando pôs fogo em si, ele gritou: ‘Nós não somos máquinas!’ Desde sua morte, ele tem sido lembrado como o símbolo do movimento trabalhista da Coreia” (HWANG, 2013, p. 216).

Essa autoimolação foi, com certeza, um dos catalisadores do surgimento da TM. Mais tarde, SUH Nam-Dong disse que, como um teólogo contextual progressista, estava muito envergonhado por não saber muito sobre as condições sociais e políticas dos trabalhadores e da nação. Após esse evento, ele começou a estudar melhor os movimentos dos trabalhadores e estudantes por democracia e direitos humanos na Coreia do Sul. Como diz Kwon (2014, p. 31), com isso, ocorreu um grande salto no seu pensamento: “Ele deixou para trás a chamada teologia do estilo Ocidental e comprometeu-se com uma nova teologia coreana, ou seja a teologia *Minjung*”.

Nesse processo da construção da TM, Suh (1983), em uma das suas obras mais importantes, *Para uma teologia do han* (*Toward a Theology of Han*), propõe que *han* pode ser criativo ou destrutivo. Como já vimos, *han* é um acúmulo de experiências reprimidas e condensadas de opressão que podem matar, gerar vingança, destruir e odiar sem fim. Porém, essa “força” pode ser também uma força criativa quando transformada ou sublimada em um poder espiritual superior. Para Suh, “esse poder positivo surge quando *dan*, a autonegação e a interrupção do ciclo do mal dentro de nós, é praticada. (...) Pela prática do *dan*, o *han* é transformado em uma força criativa” (IBID, p. 60) *Dan* seria a superação do aspecto destrutivo e niilista do *han*.

Como diz Kwon, pelo exercício do *dan* a pessoa suspende e supera “o seu desejo de estar confortável e estável na sua vida privada para se engajar na ação pública por liberdade e justiça na sociedade. Em outras palavras, a pessoa assume a sua tarefa histórica pelo *minjung* acima do seu desejo e necessidade pessoais” (2014, p. 33). E para os principais teólogos TM, há uma relação entre o *han* e o Espírito Santo. Para eles, o apóstolo Paulo conecta de perto a noção de sofrimento e fraqueza, *han*, e os gestos e ações de libertação, *dan*, com a de Espírito: “O apóstolo Paulo tenta descrever o procedimento da transformação do *han* através do *dan* em direção à esperança (cf. Rm 5,35). (...) A transformação do *han* para *dan* é criada pelo Espírito Santo que trabalha no coração de pessoas que sofrem” (KWON, 2014, p. 34).

José Comblin (2007), o teólogo da libertação que mais trabalhou a teologia do Espírito, se aproxima dessa concepção da dialética de *han-dan* ao dizer, “a mensagem de Jesus é uma convocação para que o povo dos pobres levante a cabeça, desperte a esperança e inicie a luta pela vida” (p. 37). Para ele, os seres humanos “não somente lutam contra as forças ameaçadoras da morte biológica, mas também contra as forças de morte que matam. Essa é a tarefa do Espírito” (p. 40).

Não há espaço neste artigo para aprofundar essa relação entre *han-dan*. O que quis mostrar nessa seção é a especificidade epistemológica da TM: a tensão entre a análise sujeito-objeto (das mediações das ciências sociais e humanas modernas) e o aspecto sujeito-sujeito do testemunho-narrativa (*storytelling*) da TM na dialética entre *han-dan* e os contextos sócio-históricos. Em outras palavras, essa articulação entre (a) as narrativas e os testemunhos dos e das que estão esmagados por *han* e lutando, movidos pelo Espírito, por sua libertação e (b) a necessidade de análises “objetivas” das realidades sociais é, ao mesmo tempo, uma grande contribuição da TM e um dos seus desafios teóricos.

3. Afasia social e a fenomenologia do sofrimento

Na primeira seção do artigo, discutimos o conceito de *Minjung* e a sua relevância atual e, na segunda, a relação entre o sujeito e o objeto na metodologia da TM, em especial as narrativas e os testemunhos dos *minjung* e a análise das questões mais objetivas das realidades sociais e das discussões hermenêutico-teológicas. Nesta parte final, quero apresentar a relação entre o *minjung* e a fala das “comunidades de sofredores”, articulando a relação com a noção de “afasia social” na TM e a subjetividade na cultura dominante na globalização.

KANG Won-Don, um dos autores que mais têm discutido o tema da globalização econômica no interior da TM na Coreia do Sul, reconhece que “embora a Teologia *Minjung* tivesse uma consciência aguçada sobre como o sofrimento do *minjung* coreano estava ligado às contradições do mundo, ela não transcendeu sua fronteira política de um estado nacional” (KANG, 2014, p. 5-6). Em outras palavras, a TM precisa ir além do seu contexto cultural e social coreano e analisar e refletir teologicamente o processo da globalização capitalista.

Nesse contexto mais amplo, os teólogos da TM estão procurando produzir uma síntese entre essa compreensão da História e do contexto da Coreia e a globalização, sem perder a contribuição e a identidade epistemológica da TM. Nesse sentido, KIM Jin-Ho, um dos principais nomes da terceira geração da TM, assume que “em uma sociedade de consumidores, o desejo de consumir joga um papel fundamental na formação de subjetividade” (KIM, 2013, p. 205). Assim como muitos estudiosos da cultura do capitalismo global, ele critica o fenômeno da “mercantilização da cidadania”, em que a cidadania está relacionada com a pertença ou não no mercado. Com isso, a noção de *minjung* se complexifica, assim como as lutas e os conceitos da Teologia *Minjung*.

Ao apontar o desafio da discussão na TM sobre a globalização econômica e a cultura do consumo, não podemos esquecer que essa teologia procura manter a centralidade do *minjung* como sujeito e, ao mesmo tempo, da relação entre sujeito e objeto nas suas reflexões. Como já dissemos, para a TM, o *minjung* só se torna e se reconhece como sujeito capaz de participar da luta de sua libertação quando é capaz de expressar, de contar a sua história e de ser ouvido por outros. Porém, na atual cultura de consumo global, essa experiência humana de falar-ouvir-compartilhar só é socialmente relevante na medida em que é mediada por compra e venda de mercadorias, no interior

das relações mercantis. Por exemplo, o espaço gratuito das conversas nas praças foi substituído por “coffee shop”. Como disse Marx, as relações sociais entre pessoas foram substituídas por relações sociais entre “mercadorias”, o fetiche. Assim, os não-consumidores, os pobres, não são considerados como tendo relações sociais, seres incapazes de falar de si, de suas histórias e suas esperanças.

Por isso, KIM Jin-Ho retoma um importante conceito na origem do TM, que é o conceito de “pecado”. Para ele, de modo diferente das teologias clássicas e liberais, o pecado não é entendido como uma desobediência das leis de Deus, mas como uma linguagem de expressão de um sistema de opressão. O *minjung* não é entendido como “o” pecador, mas sim como sofrendores “sob pecado”. O pecado não é entendido como resultado de culpa do *minjung* mas resultado da exclusão e discriminação. “Suh diz, ‘pecado’ é a nomeação que os poderosos davam aos sem poder. Aqueles que dominam a palavra são os que estão no poder. Portanto, o pecado tem o efeito de privar a linguagem dos sem poder. Em outras palavras, *han* é o fenômeno de incapacidade (psicológica e física) dos que sofrem exclusão e discriminação e não são capazes de expressar adequadamente sua tristeza. A linguagem de *minjung* é roubada pelo sistema dominante, que acumula a miséria de *han*. (...) Afasia, disinnésia e outras doenças da mente e do corpo representam isso” (KIM, 2013, p. 202-203).

O “roubar a palavra” é uma forma de negar a capacidade de ser sujeito, de se expressar e compartilhar a sua vida, os seus sofrimentos e esperanças. Os dominadores tentam, mas não conseguem negar completamente as linguagens dos dominados porque essas são partes da condição humana. Como dizem Suh e Kim, o *minjung* pode não expressar adequadamente a sua tristeza e esperança, mas o seu corpo resiste a esse fenômeno da privação da linguagem e procura seus caminhos. “É por isso que eles costumam falar uma língua que é difícil de entender. Esses são sintomas de *han*. De acordo com Suh, *han* é o ‘som da depressão que atrai os céus, o som dos sem nome e dos indefesos” (IDEM).

Antes de continuar esta reflexão, é preciso deixar claro que a tradução do texto para o inglês, a expressão “som da *depressão* que atrai os céus”, não é a apropriada. *Han* poderia ser usada para situações de depressão, mas é mais do que isso. Para as teologias de libertação de várias tendências no mundo, entre elas a TM, essa frase se liga diretamente com a famosa expressão do livro de Êxodo que diz: “E disse o Senhor: Tenho visto atentamente a aflição

do meu povo, que está no Egito, e tenho *ouvido o seu clamor* por causa dos seus opressores, porque conheci as suas dores” (3,7). Por isso, o “som dos sem nome e dos indefesos” é o “som do ‘clamor’ que atrai os céus”, que é o som do *han*.

Esse tema do “clamor” está presente também na origem da TLLA. Nesse sentido, apesar de que o tema ou o conceito de “afasia social” não tenha sido aprofundado na TLLA, há uma convergência entre essas duas teologias nessa questão. Afinal, essas duas teologias partem dos sofrimentos e lutas dos *minjung*/pobres. Para a TLLA, a ênfase foi entre a relação memória histórica dos pobres e a revelação de Deus na História como uma resposta ao clamor dos pobres.

O tema do “clamor” perpassa toda a Bíblia e tem um sentido técnico: é “a queixa pela injustiça infligida”. Em um importante livro na primeira fase da TLLA, Porfírio Miranda (1975, p. 115) diz: “Caim é o primeiro homem concreto, e com Gn 4,11, começa a história humana. ‘A voz do sangue de seu irmão clama a mim desde a terra’ (Gn 4,10) é a essencial apresentação de Deus que intervém nela. Antes que houvesse alianças, patriarcas, promessas e mandamentos”.

Para Miranda e outros da TLLA (por ex.: COMBLIN, 1984), clamor é mais do que um simples grito. O segredo do clamor não está no som, pois mesmo os mais “sem voz” clamam aos céus. Clamor é um grito de desespero dos desesperançados, dado com a vibração das cordas vocais ou com a do corpo sofrido, mas é ao mesmo tempo um grito que nasce do mais fundo do ser, que nasce das entranhas, na “esperança contra toda esperança” de ser atendido, de ser ouvido.

A diferença da TM é que o “clamor” e a linguagem dos *minjung* foram e são um dos objetos centrais da sua reflexão teológica. Por isso, são retomados constantemente na medida em que o contexto social se modifica e surgem novas formas de opressão e novos sujeitos de lutas aparecem e clamam.

Mas, na medida em que o corpo exige expressar o seu sofrimento e esperança, os sistemas de opressão também elaboram e desenvolvem novos processos de gerenciamento do ódio e “falsa esperança” no interior do povo. No caso da Coreia do Sul, do tempo do desenvolvimento da TM, havia duas principais ideologias articuladas para o controle social: a ideologia do anticomunismo e a do desenvolvimento econômico. O ódio aos norte-coreanos “comunistas” por conta da guerra de 1950-53, que matou milhões de pessoas, justificou a ditadura militar; e a promessa de superar a pobreza

da nação por meio do desenvolvimento econômico capitalista sob o custo de baixos salários e opressões dos trabalhadores.

Nos últimos anos, com a substituição da ideologia do desenvolvimento pela ideologia do neoliberalismo e a cultura do consumo, há uma mudança na estrutura da “consciência social” e do controle: de um lado, o ódio aos comunistas e às comunidades LGTB – em nome da defesa da “família tradicional”, a base da nação – (CHO, 2013) e, de outro, os desejos de consumo individual, não mais o desenvolvimento da nação. Assim, o ódio e o desejo individual, segundo KIM Jin-Ho, passaram a tirar da sociedade civil a sua capacidade de pensar sobre os outros e a nação como um todo.

Essa articulação entre o ódio social e o desejo individual gerou uma nova consciência social, uma nova aliança entre a defesa do mercado neoliberal contra os “comunistas” (e os direitos sociais dos pobres) e o conservadorismo social-familiar. Em outras palavras, os ódios e os desejos de consumo criaram uma aliança entre as elites e “os que se consideram os de bem” da sociedade contra o *minjung*. O novo contexto demandou novas perspectivas da TM.

Em 2003, assim como o suicídio do operário em 1970 mudou a teologia na Coreia, o suicídio de um “*iban*” – uma noção inclusiva para minorias sexuais na Coreia do Sul, equivalente em inglês *queer* (sem tradução em português, as pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou de binarismo de gênero) – impactou a comunidade teológica coreana. Ele, um católico devoto e poeta, era conhecido somente por seu pseudônimo de “Yookwoodang”, “a pessoa que só tem seis amigos”: álcool, cigarros, pílula de dormir, base de maquiagem, chá verde e rosário.

Ele tinha 19 anos de idade, gay ativista e poeta, e estava lutando contra a classificação da homossexualidade como uma “perversão sexual” e “obscenidade” pelo Comitê de Proteção à Juventude. Isso porque um jornal coreano dirigido por uma igreja protestante fundamentalista estava promovendo nacionalmente a homofobia contra a decisão do Comitê Nacional de Proteção aos Direitos Humanos da Coreia, que havia solicitado a remoção, nos livros didáticos e na lista de perversões sociais, dos preconceitos contra as minorias sexuais.

Em 26 de abril de 2003, ele se suicidou. Seu corpo foi encontrado por seus colegas ativistas gays na porta do seu pequeno escritório. “Em seu testamento ele escreveu: ‘Eu não consegui nada em toda a minha vida, mas sofri depressão durante todo o tempo. Depois da morte, quero ir para o céu,

onde posso orgulhosamente dizer que sou homossexual, sem necessidade de sofrer, nem de me esconder mais’. Ele era um cristão devoto. Ele sonhava com o amor sem limites de Jesus que curaria a ferida que ele recebera dos ‘ministros e sacerdotes’” (CHO, p. 184).

Esse testemunho de sofrimento, fé e esperança de um *iban* exige reflexões teológicas. Reflexões que sejam capazes de articular o fenômeno da emergência das comunidades de LGBT no mundo inteiro, da aliança entre a defesa da família tradicional – religiosa ou não – e o neoliberalismo que nega os direitos humanos, em especial os direitos sociais dos não consumidores. Mas, esse tema amplo transcende este artigo. Por isso, retomemos o tema do testemunho e a noção de “afasia social” trabalhada por Kim Jin-Ho.

Kim, discípulo de Ahn – que associa a noção de *ochlos* do Evangelho de Marcos com a de *minjung* – a quem ele chama de “o” mestre, diz que é necessário ouvir os sons não-verbais de sofrimento do *minjung* e tentar quebrar o sistema de opressão para que a vida deles possa ser restaurada. Para isso, é preciso revelar o sistema de dominação e a miséria e sofrimentos do *minjung*, resgatar a voz genuína da sua linguagem, interpretando a biografia do som, e não apenas as suas palavras. Nesse sentido, ele propõe desenvolver a fenomenologia da dor ou do sofrimento. Ele usa a expressão “fenomenologia” para evitar teorias sobre a essência do sofrimento e se concentrar nas experiências do lugar da dor. Ele propõe “a antropologia teológica como uma ferramenta para o estudo da teologia fenomenológica da dor. A antropologia enfatiza a tarefa de olhar para a causalidade multifacetada, entrelaçada sincronizada e diacronicamente na experiência das pessoas que estão sofrendo. Enquanto isso, ‘teológico’ enfatiza a libertação e a salvação das pessoas que estão sofrendo” (KIM, 2013, p. 210).

É interessante notar que Ivone Gebara, que no final da década de 1980 já estava criticando uma perspectiva “objetiva e científica” das análises sociais na TLLA, propôs também uma metodologia fenomenológica. No livro, de título muito sugestivo para essas reflexões, *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*, ela diz (2000, p. 43): “Sabemos que uma posição fenomenológica se apoia nos dados da existência concreta, nas coisas que aparecem no campo de nossa experiência. E é nessas experiências que ela baseia sua interpretação e sua reflexão posterior. A fenomenologia não explica os acontecimentos e as coisas a partir de fora, como o cartesianismo, mas tenta compreendê-los a partir de dentro, mesmo que nunca chegue a ter ‘ideias claras e distintas’”.

E ela, de forma muito semelhante aos da TM, perguntava em 1991: “Vivemos num momento de fraqueza manifesta das instituições (igrejas incluídas) e organizações populares. Não seria então a hora de escutar de novo? Aliás, ‘escutar’ faz parte da tradição de nossa fé. (...) Não há receitas, mas convicções, há necessidades urgentes de acolher o diferente e ajudar a terra se libertar de tanta ‘sujeira’ e opressão para que a ‘flor nasça, enfim, do impossível chão’” (GEBARA, 1991, p. 8).

Da mesma forma, Kim Jin-Ho retoma os sofrimentos do povo, que são partes da vida e chegam a todos sem exceção, e procura entender melhor os seus diversos mecanismos de enfrentamentos. Ele diz (2013, p. 212): “Sofrimento ou dor chega a todos sem exceção, e todo mundo tem um mecanismo de enfrentamento. Alguns sofrimentos são proferidos enquanto outros não são. Algumas respostas, como gritos, são pronunciadas. Mas algumas outras não podem ser proferidas e são expressadas por meio de uma substituição. A substituição acontece quando alguém se depara com eventos avassaladores ou quando não consegue lidar com a dor repetitiva”.

E a substituição mais comum é o ódio. E o ódio pode se expressar no ódio a si próprio, “self”, que se manifesta nos mecanismos de autodestruição e, em extremo, no suicídio; ou dos outros, na imposição de dores sobre outros, por exemplo, na violência doméstica, nas exclusões e transferência da dor sobre grupos sociais minoritários, ou em casos de holocaustos.

O termo *Minjung* é um termo para se referir a pessoas que sofreram exclusões de várias maneiras, das dores que surgem das condições humanas inescapáveis, dos sofrimentos que nascem do mal humano individual e/ou coletivo, assim como das dores dos sistemas sociais invisíveis aos olhos dos indivíduos, por exemplo, o capitalismo neoliberal. Nesse contexto, Kim propõe que o “fenômeno da miséria do *ochlos-Minjung* pode ser compreendido melhor quando a realidade multifacetada de seu local de sofrimento é examinada. Nesse sentido, *ochlos-minjung* e fenomenologia da miséria caminham lado a lado. Portanto, perguntar teologicamente sobre *ochlos-minjung* é como construir um monumento para aqueles que estão esquecidos, ou ocultos, do olhar daqueles que são dominantes em nossa época” (p. 213).

Considerações finais

Recuperar a história dos que estão esquecidos, ocultos, neste mundo global e possibilitar novos caminhos para que esses “sujeitos” sejam pessoas e comunidades de dignidade, e não “pecadores-falidos”, é o que há de comum

entre a Teologia Minjung e a Teologia da Libertação Latino-Americana. É um grande desafio, ao mesmo tempo em que essas teologias reconhecem o poder do sistema capitalista global opressivo.

Os nascimentos da TLLA e da TM são marcados não pelas afirmações das certezas da História, mas pela esperança radical. Esperanças que geram ação e compromisso são marcadas pela dialética de *han-dan*. Por isso, quero terminar o texto com a fala do *iban* cristão devoto: “Eu não consegui nada em toda a minha vida, mas sofri depressão durante todo o tempo. Depois da morte, quero ir para o céu, onde posso orgulhosamente dizer que sou homossexual, sem necessidade de sofrer, nem de me esconder mais”. Ao final do bilhete, esse jovem sofrido e esperançoso, que sonhava com o amor sem limites de Jesus que curaria as feridas que recebera do mundo e dos ministros e sacerdotes, diz: “Se eles me enviarem para o inferno, Jesus me salvará” (CHO, 2013, 184).

Referências

- ASSMANN, Hugo. **Teologia desde la praxis de la liberación: ensayo teológico desde la América dependiente**, 2. ed. Salamanca: Sígueme, 1976.
- ASSMANN, H. & SUNG, J. M. **Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980 (1. ed. Lisboa, 1976).
- BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986 (1. ed., 1985).
- CHO, Min-Ah. “If They Send Me to Hell, Jesus Will Rescue Me” Minjung Theology and the Iban Movement. In: KIM, Yung Suk & KIM, Jin-Ho Kim (Orgs.). **Reading Minjung Theology in the Twenty-First Century: Selected Writings by Ahn Byong-Mu and Modern Critical Responses**. Eugene (OR): Pickwick Publications, 2013 (Edição do Kindle).
- CHOI, Chung Moo. The Minjung Culture Movement and the Construction of Popular Culture in Korea. In: WELLS, Kenneth. **South Korea’s Minjung Movement: South Korea’s Minjung Movement: The Culture and Politics of Dissidence**. University of Hawaii Press, 1995, p. 105-118.
- CHUNG, Hyun Kyung. **Struggle to be the Sun again: introducing Asian women’s theology**. Marykonll (YN): Orbis Book, 1990.
- COMBLIN, José. **A vida: em busca da liberdade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- COMBLIN, José. **O clamor dos oprimidos. O clamor de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GEBARA, Ivone. “Hora de ficar: dificuldades das religiosas na evangelização em meio a um povo empobrecido”, **Vida Pastoral**, n.160, set./out. 1991, São Paulo, p. 2-8.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUSTAVO, Gutierrez. **Teologia da Libertação. Perspectivas**, 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HWANG, Yong-Yeon. “The Person Attacked by the Robbers is Christ” An Exploration of Subjectivity from the perspective of Minjung Theology. In: KIM, Yung Suk & KIM, Jin-Ho Kim (Orgs.). **Reading Minjung Theology in the Twenty-First Century: Selected Writings by Ahn Byong-Mu and Modern Critical Responses**. Eugene (OR): Pickwick Publications, 2013 (Edição do Kindle), p. 215-232.

KANG, Won-Don. Some Tasks of Minjung Theology in the Age of Globalization. **Madang**. Seoul, v. 22 (December, 2014), p. 5-28.

KIM, Jin-ho. *Ochlos* and the Phenomenology of Wretchedness. In: KIM, Yung Suk & KIM, Jin-Ho Kim (Orgs.). **Reading Minjung Theology in the Twenty-First Century: Selected Writings by Ahn Byong-Mu and Modern Critical Responses**. Eugene (OR): Pickwick Publications, 2013 (Edição do Kindle), p. 200-214.

KIM, Yong Bok. **The Socio-biography of Minjung and Theology**. In: “Minjung and Korean Theology, ed. by Committee of Theological Study, KNCC, Seoul: Korea Theological Study Institute, 1982.

KITAMORI, Kazoh. **Theology of the pain of God**. Eugene: Wipf & Stock Publishers (1946), 2005.

KURIBAYASHI Teruo. Recovering Jesus for Outcasts in Japan: From a Theology of the Crown of Thorns. **Japan Christian Review**, v. 58, 1992, 19-32. Internet: nirc.nanzan-u.ac.jp/nfile/4133.

KWON, Jin-Kwan. A Preliminary Sketch for a New Minjung Theology, **Madang**, v. 1, n. 1 (June 2004), 49-6.

KWON, Jin-Kwan. An Overview of Minjung Theology: a Theology Based on Social Movement. In: PRABHAKAR, Samson & KWON, Jin-Kwan (Orgs.). **Dalit and Minjung Theology: a Dialogue**. Bangalore (Índia): BTESSC/SATHRI, 2006, p. 148-162.

KWON, Jin-Kwan. Encountering the Minjung through Three Symbols: The Multitude, the Inmin, and the Subaltern. **Madang**, v. 14 (December, 2010), 17-34.

KWON, Jin-Kwan. Minjung Theology as a Counter Theology: Suh Namdong’s Case. **Mandang: International Journal of Contextual Theology in East Asia**. Seoul, v. 21 (June 2014), p. 29-50.

MANOHARAN, Vincent. **Towards a Practical Dalit Theology**. Delhi: ISPCK, 2016.

MIRANDA, Porfirio. **Marx y Bíblia**, 2. ed. Salamanca: Sígueme, 1975.

PRABHAKAR, Samson & KWON, Jin-Kwan (Orgs.). **Dalit and Minjung Theology: a Dialogue**. Bangalore (Índia): BTESSC/SATHRI, 2006.

SUH, Nam-Dong. **Towards a Theology of Han, Minjung Theology, People as the Subjects of History**. CTC of the Christian Conference of Asia, ed. Maryknoll, N.Y.: Orbis books, 1983.